

EDGAR ALLAN POE E CHARLES BAUDELAIRE: DIÁLOGOS INTERSEMIÓTICOS E POLISSISTÊMICOS

Renata Philippov*

Resumo: Este artigo visa discutir as teorias dos polissistemas e da tradução/transcrição (KRISTEVA, 1967), tomando como exemplo as traduções de Edgar Allan Poe para o francês feitas por Charles Baudelaire, bem como os prefácios que o autor francês escreveu para suas traduções. Visa ainda discutir como Baudelaire teria subvertido e se apropriado de alguns escritos de Poe para justificar sua própria teoria estética por meio de transcrição literária e, assim, estabelecido um diálogo intertextual e polifônico com a obra do autor norte-americano.

Palavras-chave: Diálogos polissistêmicos. Poe. Baudelaire.

■ **E**m *Précis de Littérature Comparée*, Brunel e Chevrel (1989) dedicam o capítulo “Le texte étranger: la littérature traduite” a descrever a trajetória do termo tradução e mostrar como o conceito foi mudando ao longo dos tempos. Traduzir parece coincidir, segundo tais autores, com o aparecimento da impressão, já que a Bíblia foi o primeiro livro impresso por Gutenberg no século XV e traduzido para diversas línguas. Ainda segundo tais autores, muitos poetas, críticos e dramaturgos europeus se dedicaram a traduzir os clássicos greco-romanos durante a Renascença e os dois séculos que se seguiram, época de apogeu da cultura clássica na Europa. De fato, surgem tragédias traduzidas e adaptadas em todo o continente. Nesse momento, traduzir significava trazer para os mais favorecidos um pouco da alta cultura e mostrar exemplos de caráter e moral a serem seguidos.

Um rápido levantamento dos títulos e temas de poemas e peças teatrais produzidos nesse período, bem como nos séculos que se seguiram, permite perceber

* Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Professora adjunto da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) – Guarulhos – SP – Brasil. E-mail: renataph@uol.com.br

certa presença greco-latina, uma retomada de *topoi* e, em certos casos, uma mera transposição de fatos para novos contextos, como se as traduções a que muitos escritores se dedicaram ou, pelo menos, tiveram acesso, tivessem podido de certa forma influenciar os escritos de vários autores, dando-lhes subsídios para suas criações. Nesse sentido, a tradução dos clássicos parece ter auxiliado na formação de literaturas nacionais, como na França de Racine, na Inglaterra de Shakespeare e na futura Itália de Boccaccio, autores que teriam se inspirado em tais traduções como forma de obterem *topoi* e argumentos para seus escritos. É o caso, por exemplo, de tragédias francesas homônimas às gregas, como *Andrômaca* ou *Ifigênia em Aulis* de Racine, ou de tragédias shakespearianas dialogando com mitos gregos (como *Othello*, por exemplo). Portanto, e sempre segundo Brunel e Chevrel (1989), tem-se a recorrência de semelhanças, ou diálogos intertextuais, entre diversos autores nesse período, como a presença dos mitos de Helena de Troia, Édipo, Electra, Prometeu e tantos outros direta ou indiretamente recorrentes nas literaturas nacionais europeias em formação.

Dentro dessa perspectiva, traduzir significava trazer o conhecimento da língua de origem para a língua-alvo, esclarecer e apresentar modelos a serem seguidos, no sentido de diacronicamente tentar resgatar culturas mais avançadas, embora antigas, e tentar influir em culturas em formação, portanto periféricas dentro do polissistema europeu – aqui se entende polissistema enquanto um conjunto de sistemas literários interagindo e travando forças dentro de um mesmo contexto: o alto e o baixo, o principal e o periférico, o majoritário e o minoritário. Ao se pensar em literatura europeia como um todo polissistêmico, as várias literaturas existentes no continente seriam sistemas em interação, em contato constante, sendo algumas delas consideradas superiores às outras (como a greco-romana), ao menos nos séculos XVII e XVIII, períodos áureos para a tradução dos modelos clássicos. Dessa forma, os sistemas detentores da alta cultura, ou seja, os das línguas de origem greco-latinas, seriam os responsáveis pelo esclarecimento e desenvolvimento das línguas-alvo.

Nesse sentido, até o século XVIII, textos foram julgados traduzíveis ou intraduzíveis, uma vez que a tradução foi vista como algo praticamente literal (afinal, se a tradução deveria trazer conhecimentos novos, nada deveria ser omitido ou alterado). Ao longo do século XIX, entretanto, começa-se a se perceber que traduzir deveria significar trazer sentido à literatura-alvo, e não apenas significantes traduzidos literalmente. No entanto, essa perspectiva realmente ganhou força no século XX, principalmente na década de 1960, com o advento da Estética da Recepção da Escola de Constança. Para tal escola, a recepção de textos traduzidos variaria de acordo com o conceito de horizontes de expectativa – aceitar, recusar, entender e apreciar textos provenientes de outros polissistemas dependeriam de diversos fatores inter-relacionados, tais como o gosto particular do leitor, o contexto histórico-social do leitor, o gosto do escritor, o objetivo do autor implícito, o contexto histórico-social do escritor, enfim, fatores esses que norteariam, facilitariam ou dificultariam a recepção de outros valores e culturas dentro de determinado cronotopo (usando o conceito bakhtiniano que une *chronos* e *topos*, tempo e espaço). Assim, o conceito de tradução como “les belles infidèles”, ou seja, as belas infiéis, ou a primazia da beleza poética em detrimento da tradução fiel, capaz de captar a essência do texto e traduzi-lo perfeitamente, caem por terra. Não mais parece interessar captar os significantes, trazer o correto para aquele que precisa aprender, exemplos para quem não os tem, modelos

para quem precisa apreendê-los e usá-los corretamente. Traduzir passa a ser um elemento sistêmico a mais dentro dos polissistemas, aquele que permite estabelecer contatos com intertextos diversos e travar relações intertextuais, sempre dependentes de coincidências de horizontes de expectativa entre escritor, tradutor e leitor.

Assim, a tradução ganha uma dimensão totalmente nova, aquela que permite acesso a outros intertextos, a outros pensamentos, a uma pluralidade de visões de mundo, o que nos remete aos conceitos de dialogismo, polifonia e carnavalesação propostos por Bakhtin (2010) e retomados por Kristeva (1967). De acordo com Kristeva, traduzir um texto significaria lê-lo, ou seja, a tradução nada mais seria do que um diálogo travado entre textos, o eu lendo o outro, a busca do outro e, uma vez que cada texto traria uma pluralidade de vozes em contato, traduzir um texto seria juntá-las, estabelecendo, assim, ligações polifônicas com textos diversos, subvertendo e transcriando o texto de origem, levando-se em conta o universo do tradutor e do leitor, seus horizontes de expectativa e interesses. Dessa maneira, passa-se, após Kristeva, a considerar o processo tradutório como um ato de transcrição, em vez da versão literal dos textos que, eventualmente, pudessem ser traduzidos. A partir de Kristeva, temos o conceito inicialmente proposto pela Estética da Recepção de que tudo pode ser traduzido, uma vez que se submeta a um processo polifônico, intertextual e intersemiótico de transcrição. Tal processo traria, portanto, as vozes do texto de origem e as do tradutor e seu contexto para dentro da língua-alvo, misturando-se às vozes de outros textos na língua-alvo e servindo para introduzir conhecimentos novos ou, muitas vezes, reforçar cânones já existentes ou subvertê-los, dessa forma criando paradigmas novos e teorias até então desconhecidas. Assim, é preciso dizer que tal perspectiva da tradução pode ser estendida a várias variantes. Pode-se pensar, por exemplo, em elementos pertencentes ao cânone da língua de origem incorporados e transcritos no cânone da língua-alvo; em elementos pertencentes ao cânone da língua de origem sendo incorporados e transcritos no sistema periférico da língua-alvo, conferindo a este último *status* de canônico; em elementos do sistema periférico da língua de origem sendo incorporados e transcritos no sistema periférico da língua-alvo, talvez lhe dando *status* de canônico, ou talvez apenas reforçando seu caráter periférico; em elementos da periferia da língua de origem sendo incorporados e transcritos no cânone da língua-alvo, subvertendo-o muitas vezes e, conseqüentemente, propiciando aos sistemas periféricos da língua-alvo uma chance de ascensão ao cânone pelo processo de subversão.

Aqui nos interessa ressaltar que tal contato polissistêmico e intersemiótico pode frequentemente aproximar polissistemas aparentemente diversos, mas que, na realidade, bastante se assemelham, sem o que tal encontro talvez não se realizasse. Esse contato, portanto, geraria o conceito de confluência crítica: a aproximação de sistemas diferentes se daria por uma convergência de ideais e objetivos, apesar de horizontes de expectativa aparentemente diversos. De qualquer forma, tal fato serviria para colocar sistemas diferentes em contato, estabelecendo um diálogo polifônico que poderia confirmar diretrizes afins e reforçar teorias em comum, estabelecendo uma espécie de auxílio na formação da consciência crítica e poética na língua-alvo.

A tradução, dessa forma, serviria como confirmação das diretrizes críticas e poéticas tomadas pelo sistema canônico da língua-alvo ou pelo sistema periférico,

almejando se tornar canônico na língua-alvo. Tal confirmação se daria pela introdução de fatores e aspectos provenientes da língua de origem e “transportados” pela tradução, fatores e aspectos esses igualmente presentes discretamente ou preponderantemente na produção literária na língua-alvo.

Seria esse o caso de Charles Baudelaire, autodenominado tradutor e introdutor dos contos de Edgar Allan Poe na França? Edgar Allan Poe dedicou sua curta carreira poética, ensaística e editorial a tentar desvendar os segredos da alma humana em todo seu negativismo, terror, angústia, fobia, depressão e ódio. Em quase todos os seus contos, poemas, ensaios, resenhas, cartas e notas editoriais aparece um tom ora jocoso, ora sóbrio, ora irônico, ora crítico, mas que sempre e, de alguma forma, tocava nessa busca dos terrores da alma humana, na busca incessante por uma totalidade perdida no tempo e no espaço. Apesar de ter escrito no auge do Transcendentalismo norte-americano, Poe parece não ter correspondido ao horizonte de expectativas de seus contemporâneos: pouco vendeu, viveu na mais absoluta miséria, trocou de emprego diversas vezes, foi duramente criticado por outros escritores – o que talvez explique por que tantos e tanto o criticaram, ou, pelo contrário, tal fato tenha sido apenas mera consequência de suas duras críticas aos cânones da época. De fato, Poe possuía uma verve crítica bastante ferrenha contra todos aqueles que, de alguma forma, fossem contrários a sua teoria estética: não hesitava em chamá-los de plagiadores, desprovidos de genialidade ou talento para as letras, mediocres até, como no caso do famoso poeta norte-americano a ele contemporâneo, Longfellow, com quem travou intensa batalha literária por bastante tempo.

Apesar de o Romantismo ser normalmente tido como sinônimo de queda, busca de si mesmo, vontade de evasão e morte, aparentemente a vertente canônica do Romantismo norte-americano, o Transcendentalismo de Emerson e Thoreau, não se interessou muito por tais metas, procurando, outrossim, realçar o sublime, o belo e a busca do homem em consonância com a natureza: poucos foram os escritores que se aventuraram na mesma vertente de Poe, sem, entretanto, terem chegado tão longe quanto ele. Nathaniel Hawthorne, Herman Melville, Stephen Crane, escritores de forte tendência ao simbólico, ao emblemático, ao alegórico, como em *The scarlet letter*, *Moby Dick* ou *The red badge of courage*, respectivamente. Portanto, Poe poderia ser descrito como periférico dentro do polissistema norte-americano ao qual pertenceu e, por conseguinte, incompreendido por seus conterrâneos por não corresponder a seu horizonte de expectativa. O crítico e biógrafo de Poe, Arthur Quinn (1957), e o crítico William Bandy (1962) ressaltaram a recepção desfavorável das obras do autor norte-americano em seu país, ao contrário do que ocorreu na Europa, principal e inicialmente na França, pouco após sua morte em 1849.

Quando alguns contos de Poe chegam à França em traduções por vezes anônimas em folhetins (o primeiro lançamento de um conto de Edgar Allan Poe em francês é “Le scarabée d’or”, tradução anonimamente publicada na *Révue Britannique*; outros dois contos serão logo a seguir traduzidos por outro escritor e publicados em *Quotidienne* e *Révue Britannique*, periódicos da época), o leitor francês começa a ter acesso não ao Poe dos contos macabros e sóbrios, mas ao Poe inventor dos contos de detetive e raciocínio, como em “The murders of the rue de Morgue”. É justamente nessa época que o jovem Charles Baudelaire entra em contato com alguns contos de Poe em tradução para o francês, encanta-se e identifica-se com o que lê a ponto de, segundo alguns biógrafos e críticos

franceses, dedicar-se a aprofundar seus conhecimentos da língua inglesa, procurar marinheiros norte-americanos para conversar e tentar comprar toda a coleção dos folhetins *The Southern Literary Messenger*, que Poe havia editorado e no qual havia publicado vários de seus ensaios, contos e resenhas. Baudelaire, cada vez mais intrigado com o que lê, passa a traduzir outros contos de Poe, autodenominando-se o introdutor e tradutor oficial de Poe na França e, simplesmente, desconsiderando as poucas traduções publicadas anteriormente. Por meio do escritor francês, é fato que o norte-americano passa a ganhar fama e influência na França, talvez muito mais do que tenha tido em seu país natal. Após Baudelaire, outros escritores franceses passaram a citar Poe como gênio, exemplo, mito a ser seguido: Mallarmé, Gautier, Valéry, Huysmans, Barbey d'Aureville, entre tantos outros que pertenceram ao círculo de amizades pessoais e estéticas de Baudelaire ou que por ele foram influenciados a seguir a mesma vertente poética.

Muito tem sido dito sobre a relação entre Poe e Baudelaire, e a bibliografia a esse respeito é bastante extensa: Wetherill (1962), Quinn (1957), T. S. Eliot (1943), Sartre (1950) e o próprio Baudelaire em sua correspondência (1973) são apenas alguns exemplos. Várias foram as questões levantadas, desde a mera influência de Poe sobre Baudelaire (este último teria copiado trechos do norte-americano e mudado sua poética após conhecer sua obra, opinião de T. S. Eliot), passando pela crítica negativa a Poe (ele seria um escritor menor dentro da literatura norte-americana e, portanto, passível de ser desconsiderado, opinião de Wetherill, ou menos sério e, portanto, um charlatão, opinião do contista Henry James, citado por Hoffman, 1972) e consequente incompreensão de o porquê de Baudelaire ter dedicado tanto tempo a traduzir e estudar uma obra “insignificante” (perspectiva levantada por Wetherill). Na maioria dos casos, estudar Poe e Baudelaire tem se resumido a levantar pontos em comum, criticar um ou outro autor sem, no entanto, enveredar por uma crítica hermenêutica que efetivamente compare e relacione a obra dos dois escritores a contento. Quando se alcança certa profundidade analítica, isso se dá ao se analisar os dois em separado. Analisá-los sob a luz da teoria da tradução, portanto, como Cunha (1995) em relação a Poe e Machado de Assis, parece não ter sido feito ainda.

Antes de se retomarem algumas das considerações anteriormente levantadas com relação à tradução poder servir como confirmação estética e poética na língua-alvo, é preciso lembrar alguns dos pontos relativos à poética de Baudelaire, para, em seguida, analisar a recepção do escritor norte-americano por parte do escritor francês. A poética de Charles Baudelaire pode ser resumida em torno de alguns fatores preponderantes, como a melancolia, o desespero, a queda, a morte, a fuga da realidade objetiva causadora de *spleen*, a necessidade de retratar a busca da alma humana, o desejo infrutífero de escapar da aniquilação, a constante sensação da inexorabilidade do tempo. Em vários de seus escritos (poemas, poemas em prosa, resenhas de outros escritores, notas sobre exposições artísticas e cartas a amigos e familiares), nota-se um cunho pessimista, negativista e crítico da realidade de seu tempo. Estamos no Pós-Romantismo, início do Simbolismo francês e prenúncio da Modernidade, termo que o próprio Baudelaire afirma ter cunhado em *Le peintre de la vie moderne* (1968). Embora duramente criticado por seus escritos e submetido a um processo jurídico que censurou vários poemas de *Les fleurs du mal* e o levou ao ostracismo por vários anos, Baudelaire parece ter sido mais bem aceito por

seus contemporâneos e pertencer a um cânone em formação (em caminho trilhado posteriormente por Mallarmé, Rimbaud e Valéry), na medida em que seu círculo artístico o respeitou e o considerou primordial para a formação de todo um modo de se pensar, escrever e agir, o de dândis e boêmios desdenhosos dos valores burgueses românticos.

Se tanto Baudelaire quanto Poe podem ser vistos sob a ótica de escritores malditos à procura da verdadeira essência da alma humana e, ao mesmo tempo, conscientes da impossibilidade do encontro da totalidade perdida e da redenção do poeta, o motivo de Baudelaire ter se dedicado tanto tempo a estudar e traduzir Poe parece bem mais claro. É do próprio Baudelaire a seguinte citação publicada em carta ao crítico de arte Théophile Thoré (1864), quando defende o pintor francês Manet de plágio:

Você sabe por que traduzi Poe tão pacientemente? Porque ele se parecia comigo. A primeira vez que abri um livro seu, vi, com surpresa e alegria, não apenas assuntos sonhados por mim, mas FRASES pensadas por mim, escritas vinte anos antes (BAUDELAIRE, 1973, p. 386, tradução nossa)¹.

Baudelaire vê em Poe algo que o surpreende e intriga: a forte ligação entre eles, apesar de terem vivido em épocas e contextos sociais aparentemente diferentes. Seria como se traduzir e analisar Poe fosse falar de si mesmo, metalinguisticamente, como se o outro agisse como um espelho dele mesmo, em uma relação intertextual, intersemiótica, polifônica especular. Em *No passion spent*, o crítico George Steiner cita Goethe: “Quem não conhece línguas estrangeiras [...] não conhece nada da sua” (STEINER, 1996, p. 146, tradução nossa)². Nesse excerto, Goethe parece antecipar a noção de especularidade na tradução, mostrando que, ao se conhecer o outro, a alteridade, na realidade se conhece o eu, a identidade: eu e outro seriam duas faces complementares de um todo único e polifônico, em relação de transcrição do eu por meio do outro, visando analisar esse eu com certo distanciamento.

Assim, Baudelaire estaria tomando Poe como pretexto para falar de si mesmo, o que teria sido proporcionado pela coincidência de horizontes de expectativa entre ambos os escritores. Traduzir e analisar Poe serviria para confirmar as próprias teorias poéticas de Baudelaire, para talvez dirimir suas dúvidas – o que Baudelaire dá a entender na carta citada anteriormente. Traduzir Poe, para Baudelaire, seria um ato capaz de confirmar suas convicções, de provar suas teorias, de procurar uma forma verossimilhante de falar de si próprio graças ao esteio do outro.

Por outro lado, apesar de ter sido acusado de plagiar os contos de Poe e de ter recorrido livremente a ele em seus poemas em *Les fleurs du mal*, é preciso salientar que grande parte dos poemas do livro já estava escrita e publicada antes que o francês tivesse tido acesso aos escritos de Poe (a primeira edição do livro de poemas é de 1857, mas vários poemas já haviam sido publicados esparsamente em jornais, portanto, anteriormente à aparição das primeiras versões em francês dos contos de Poe). O primeiro poema, por exemplo, “Incompatibilité”, é de 1838. Como afirma Meirelles (2008, p. 2):

1 “Vous savez pourquoi j’ai si patiemment traduit Poe? Parce qu’il me ressemblait. La première fois que j’ai ouvert un livre de lui, j’ai vu, avec épouvante et ravissement, non seulement des sujets rêvés par moi, mais des PHRASES pensées par moi, écrites par moi vingt ans auparavant”.

2 “He who does not know foreign languages [...] knows nothing of his own”.

A maior parte destes poemas havia sido escrita desde 1840 e publicada na imprensa e em revistas literárias europeias, como as Revue de Paris, em 1852, Revue de Deux Mondes, em 1855, Revue française, em 1857, e Revue contemporaine, em 1859, sendo que em junho de 1855 aparece pela primeira vez o título Les Fleurs du Mal sobre um conjunto de dezoito poemas publicados na Revue de Deux Mondes.

No entanto, com relação aos prefácios às três edições de contos de Poe organizadas e compiladas por Baudelaire, ocorre o inverso. Em “Edgar Allan Poe, sa vie et ses ouvrages”, “Edgar Poe, sa vie et ses oeuvres” e “Notes nouvelles sur Edgar Poe”, publicadas respectivamente em 1852, 1856 e 1859, tem-se o gradativo descolamento dos ensaios do autor norte-americano. Se o primeiro prefácio parece tradução literal de notícia necrológica publicada por John R. Thompson nos Estados Unidos em 1850, no Southern Literary Messenger, ao qual Baudelaire teve acesso, segundo Bandy (1962), com citações do ensaio de Poe, “The poetic principle”, algumas vezes sem qualquer alusão ao fato de ser tradução, o que configuraria plágio ou, pelo menos, livre apropriação dos textos de Poe e Thompson, o segundo prefácio já apresenta algum distanciamento crítico, e o texto de Baudelaire aparece sem apropriação explícita do texto de outros. No terceiro prefácio, no entanto, ocorre maior distanciamento e conseqüente capacidade crítica menos fervorosa e mais objetiva. Poder-se-ia pensar, talvez, que o primeiro prefácio, enquanto tradução pouco disfarçada, porém não explícita, do ensaio do autor norte-americano e da notícia necrológica enaltecendo Poe, serviria como afirmação das teorias estéticas e poéticas de Baudelaire. Em vários momentos nesse primeiro prefácio, Baudelaire alude à condição de Poe enquanto vítima de seu tempo e do mercado editorial ao qual se submetera. Menciona, por exemplo, várias vezes a palavra “guignon” ou “vítima do azar”. Fato é que o próprio Poe não se coloca nessa condição de vítima. Baudelaire, por outro lado, várias vezes menciona ser ele próprio vítima de um mercado editorial agressivo e de uma burguesia avessa a seus escritos. Além disso, uma leitura atenta dos três prefácios permite levantar temas, motivos, opiniões críticas em comum e bastante discutidas em outros textos baudelairianos, publicados anteriormente nos salões e outras resenhas críticas.

Assim, Baudelaire estaria transcriando os escritos de Poe e, dessa forma, tentando justificar sua própria produção. Um exemplo disso é o conto “The fall of the house of Usher” traduzido por ele para o francês. Segundo Amaral (2009), ao traduzir o conto, Baudelaire ter-se-ia apropriado dele para justificar sua própria produção, ou seja, feito uma transcrição do original. Em inglês, temos o seguinte trecho logo no início do texto, quando o narrador descreve suas primeiras impressões da casa ao chegar da longa viagem:

I looked upon the scene before me – upon the mere house, and the simple landscape features of the domain – upon the bleak walls – upon the vacant eye-like Windows – upon the few rank sedges – and upon a few White trunks of decayed trees – with an utter depression of soul which I can compare to no earthly sensation more properly than to the after-dream of the reveller upon opium – the bitter lapse into every-day life – the hideous dropping off of the veil (MABBOTT, 1978, p. 397, grifo nosso).

Na tradução de Baudelaire para o mesmo trecho, temos:

Je regardais le tableau placé devant moi, et rien qu'à voir la maison et la perspective caractéristique de ce domaine, – les murs qui avaient froid, – les fenêtres semblables à des yeux distraits, – quelques bouquets de joncs vigoureux, – quelques troncs d'arbres blancs et dépéris, – j'éprouvais cet entier affaissement d'âme qui, parmi les sensations terrestres, ne peut se mieux comparer qu'à l'arrière-rêverie du mangeur d'opium, – à son navrant retour à la vie journalière, – à l'horrible et lente retraite du voile (BAUDELAIRE, 1968, p. 103, grifo nosso).

O que chama a atenção é o trecho em itálico, como aponta Amaral (2009). Se o original fala em “reveller upon opium”, ou “o despertar após o sonho de um farrista sob efeito de ópio”, Baudelaire utiliza a expressão “mangeur d'opium” ou “comedor de ópio”, ausente no original, estabelecendo, assim, um diálogo intertextual com o romance de Thomas de Quincey, *Confessions of an english opium-eater* (1821), por sua vez transcrito posteriormente na segunda parte de *Paradis artificiels* (“Un mangeur d'opium”, 1860).

Assim, retomando Kristeva (1967), teríamos no caso das traduções de Charles Baudelaire para o francês dos contos de Edgar Allan Poe um exemplo de transcrição polissistêmica, intersemiótica e polifônica. Ao estudar e traduzir Poe, Baudelaire estaria incorporando seus escritos, provenientes, segundo a classificação de Kristeva, do sistema periférico norte-americano, para justificar sua posição de marginalidade diante do cânone de seu tempo e, assim, reforçar sua própria condição de periferia, de vítima, de marginalidade. Nesse sentido, a confluência crítica entre os dois autores, bem como a coincidência entre eles de *topoi*, projetos estéticos, teorias poéticas e posturas críticas, teria servido ao escritor e tradutor francês em seu propósito de autoafirmação e reforço de sua poética: ao traduzir alguns dos contos de Poe e transcriá-los, neles inserindo elementos de sua própria poética, como exemplificado anteriormente, Baudelaire estaria confirmando e reafirmando sua própria teoria estética. Portanto, ao tomar para si a função e a reputação de ser o tradutor oficial e introdutor das obras do autor norte-americano em solo francês, Baudelaire estaria, segundo as teorias dos polissistemas e da tradução/transcrição, discutidas por Kristeva, trazendo elementos do sistema periférico da língua de origem (neste caso, a teoria estética e poética de Edgar Allan Poe) para serem incorporados e transcritos no sistema periférico da língua-alvo (aqui a teoria estética e poética de Charles Baudelaire). Se naquele momento em que o escritor francês defendia sua produção contra a estética burguesa ora dominante e canônica, tínhamos em Baudelaire um membro do sistema periférico, e talvez possamos afirmar que Poe o tenha auxiliado a alcançar o *status* de canônico, como hoje a crítica baudelairiana o vê.

EDGAR ALLAN POE AND CHARLES BAUDELAIRE: INTERSEMIOTIC AND POLISSYSTEMIC DIALOGUES

Abstract: *This article addresses the polysystem and translation/transcreation theories (KRISTEVA, 1967). Examples from Edgar Allan Poe's translations into French by Charles Baudelaire, as well as the latter's prefaces, will be used. It also aims at discussing how Baudelaire may have subverted and incorporated*

some of Poe's writings by means of literary transcreation so as to justify his own aesthetic theory, thus establishing an intertextual and polyphonic dialogue with Poe's works.

Keywords: *Polisystemic dialogues. Poe. Baudelaire.*

REFERÊNCIAS

- AMARAL, G. C. Poe e Baudelaire: afinidades eletivas. In: CONGRESSO INTERNACIONAL PARA SEMPRE POE, 2009, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2010.
- BANDY, W. T. *The influence and reputation of Edgar Allan Poe in Europe*. Baltimore: The Edgar Allan Poe Society of Baltimore, 1962.
- BAUDELAIRE, C. *Oeuvres complètes*. Paris: Seuil, 1968.
- BAUDELAIRE, C. *Correspondence*. Paris: La Pléiade/Gallimard, 1973. v. 1 e 2.
- BRUNEL, P.; CHEVREL, Y. Le texte étranger: la littérature traduite. In: BRUNEL, P.; CHEVREL, Y. *Précis de littérature comparée*. Paris: PUF, 1989.
- CUNHA, P. L. *Apoio pelo conto: confluência e alteridade em Machado de Assis e Edgar Allan Poe*. 1995. Tese (Doutorado em Letras)–Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.
- ELIOT, T. S. A dream within a dream. *The Listener*, XXIX, 1943.
- HOFFMAN, D. *Poe Poe Poe Poe Poe Poe Poe Poe*. New York: Doubleday & Co., 1972.
- KRISTEVA, J. Bakhtine: le mot, le dialogue et le roman. *Critique*, v. 33, p. 439-465, 1967.
- MEIRELLES, R. Baudelaire no Brasil: traduções. CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC: TESSITURAS, INTERAÇÕES, CONVERGÊNCIAS, 11., 2008, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Abralic, 2008.
- MABBOTT, T. O. (Ed.). *Collected works of Edgar Allan Poe: tales and sketches 1831-1842*. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 1978.
- QUINN, A. *The french face of Edgar Poe*. Carbondale: Southern Illinois University Press, 1957.
- SARTRE, J. P. *Baudelaire*. Tradução Martin Turnell. New York: New Directions, 1950.
- STEINER, G. What is comparative literature? In: STEINER, G. *No passion spent: essays 1978-1996*. London: Faber & Faber, 1996.
- WETHERILL, P. M. *Charles Baudelaire et la poésie d'Edgar Allan Poe*. Paris: Nizet, 1962.

Recebido em julho de 2013.
Aprovado em maio de 2014.